Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 746

20 DE SETEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Se descançassemos um bocadinho de pestes, fomes e guerras, se deixassemos um pouco de largo o cordão sanitario, o Dreyfus e o Transvaal, para fallarmos d'alguma coisa alegre, da chegada do Bordallo, por exemplo?

Um pedacinho de sol rompendo por entre nuvens amontoadas, ainda que seja um pedacinho, embora a gente saiba que o temporal ha de voltar, dá um certo allivio ás almas.

E o que nos vale é a certeza das compensações na vida. Ninguem affirma já em boa consciencia a celebrada phrase do Candido: «*Tout est au mieux dans le meilleur des mondes;*» mas emfim, depois de tantas verdes, era de justiça uma madura.

O Rafael Bordallo chegou do Brazil cheio de saude e felicidade. Como todos o adoramos, seja esta a madura que offerecemos.

Andavamos fartos de noticias tristes, assustadoras.

É pôr-se uma pessoa n'um portal da Baixa e olhar para quem passa. Cruzam-se na nossa frente pessoas cabisbaixas, macambuzias, enfiadas, com um ar somnambulo. Pudera!... Já não ha amas que cantem:

> Ó papão, vae-te embora
> De cima d'esse telhado,
> Deixa dormir o menino
> O seu somno descançado.

Em cada telhado está de cocoras um papão á espera.

Verdade, verdade, andamos fartos de noticias tristes.

E o peior é a tendencia para o exagero, para a desorientação, que ainda muito mais avoluma os fantasmas.

A peste bubonica que veiu revelar a existencia, aliás prevista, d'um numeroso regimento de tataranhas com seu tambor-mór á frente, tem-se mostrado muito mais benigna do que o egoismo dos homens.

O que se tem mentido! O que os jornaes estrangeiros teem publicado em telegrammas! Se fossemos a acreditalos, não existiria já em Portugal um só neto de Viriato! Eram aos milhares os mortos em Lisboa e Porto e, como as cidades ambas estavam em plena insurreição, muito natural seria que esta fosse pelos mortos promovida.

Mentiras que levam agua suja no bico. Para alguma coisa deve servir tanta peta. Se para mentir foi dada a palavra ao homem e se inventaram os telegraphos!...

E o papão sempre de cocoras, lá em cima na cumieira!... O que vale é que está bom tempo.

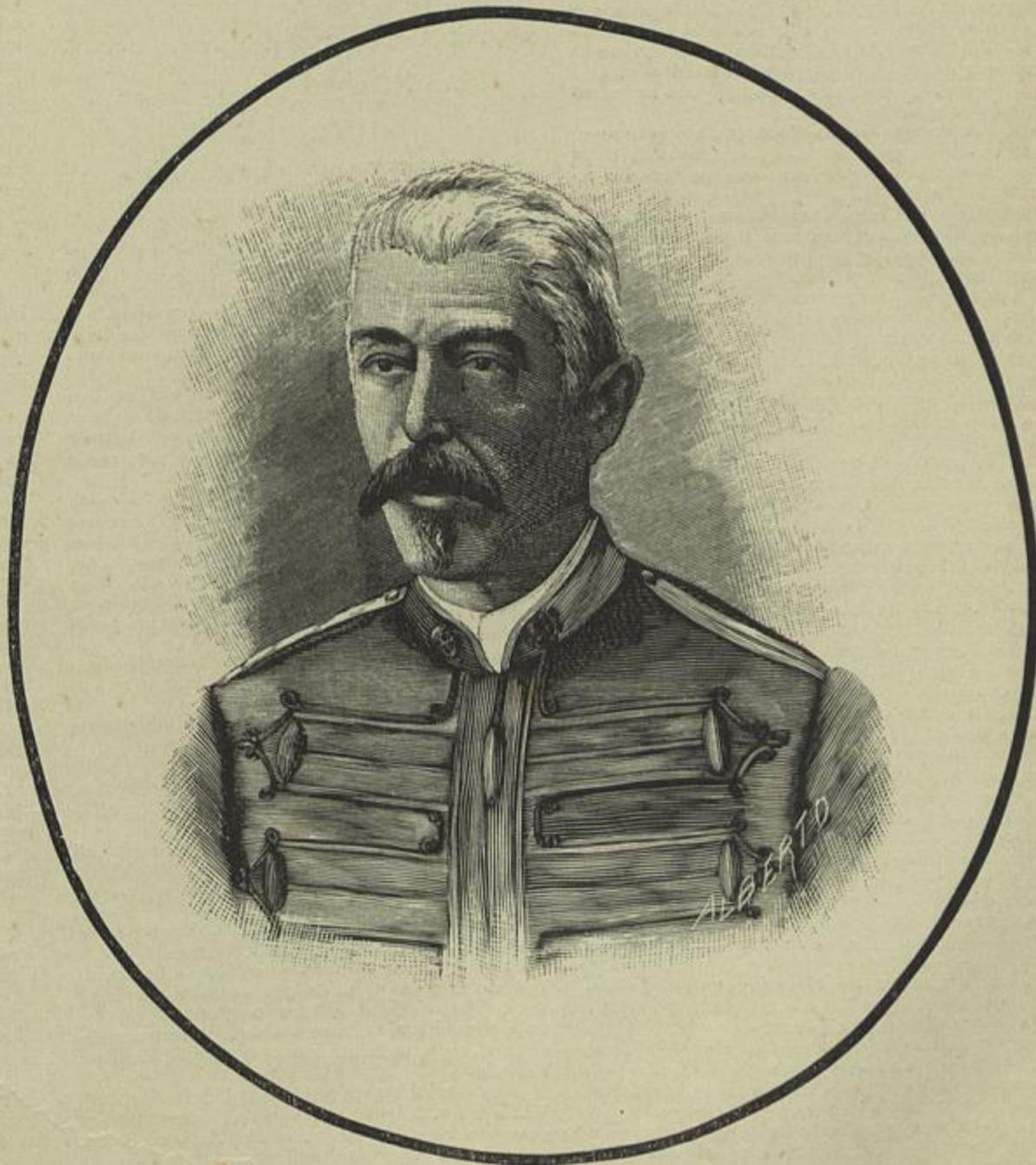
Consolemo-nos com o mal alheio, visto que a má natureza humana quer que isso seja uma consolação, que nem se nega sequer aos condemnados do inferno.

Em França a questão do Dreyfus, condemnado, como é sabido, apenas por maioria e attendidas circumstancias attenuantes, mostra visos de prolongar-se, sendo já hoje conhecido em toda a Europa o novo, famoso artigo de Zola.

Mais que a França commoveram-se, porém, muitos paizes da Europa, onde, contra a grande republica, o povo se tem manifestado

Corre por isso muito risco a exposição de Paris projectada para 1900.

Verdade seja que d'aqui até lá decorrem varios mezes e, n'estes tempos de grandes velocidades, um mez vale o que ha um seculo valia um par de annos.

Tambem não são por emquanto côr de rosa as noticias do Transvaal.

GENERAL FERNANDO DE MAGALHÃES E MENEZES VILLAS BOAS

Fallecido em 9 do corrente

Mas deixemos por agora coisas tristes e vamos á nossa restea de sol. Não tardará outra nuvem, que já a vejo apontando. Ella que espere.

«Isto não vai a matar», diz o povo de cuja poesia tanto falamos, esquecidos de que elle é ainda mais philosopho do que poeta. Elle inventou proverbios e entre estes o melhor de todos. «Tristezas não pagam dividas.»

Alarguemos por instantes os corações.

Como dissemos, o Rafael Bordallo voltou do Brazil, cheio de saude e de felicidades.

O exito obtido pela exposição ceramica foi collossal. O numero de entradas foi em certos dias superior a mil. O nosso grande artista conseguiu vender todos os productos da sua fabrica e entre elles a famosa jarra, apologia de Beethoven, que tanto nos encantou quando esteve exposta no salão do theatro D. Amelia, ha proximamente um anno, e tanto foi gabada por muitos conhecedores estrangeiros que então faziam parte do congresso de imprensa reunido em Lisboa. Recordamo-nos ainda do enthusiasmo de Julio Claretie, apertando a mão do artista creador d'aquella maravilha.

O Brazil é grande terra, e, máo grado loucas tentativas de rebellião contra um amor herdado, bebido no leite, não póde o poderoso paiz americano esquecer que de Portugal lhe foram os primeiros germens da vida civilisadora, que portuguezes foram os paes ou avós de seus homens mais illustres. E a velha patria empobrecida desvanece-se com o seu filho poderoso e respeitado.

O Brazil é mais do que um grande imperio, é para muitos portuguezes um sonho, quasi um symbolo. «Aquillo é um Brazil» dizemos nós quando, em poucas palavras, queremos descrever o que é grande, opulento e generoso.

Rafael Bordallo Pinheiro foi recebido no Rio de Janeiro como devia sel-o uma das melhores glorias de Portugal, que estas são d'elles um pouco tambem, como são as d'elles muito nossas. Muitos escriptores do Brazil, correctissimos cultores da nossa lingua, são verdadeiras glorias de Portugal; seus poetas são hoje dos melhores entre portuguezes.

É-nos consolação na decadencia o progresso em que lá se caminha, o aquecimento que tanta vez encontramos no affecto que ainda nos mostram os brazileiros.

Por isso o Brazil é um sonho, e tantos que voltam victoriosos, enthusiasticos pelo acolhimento que tão longe encontraram, mais avivam esperanças, aquecem fantasias.

Toda medalha tem reverso. E' tempo de o observarmos um pouco. Eu bem dizia que a nuvem estava apontando.

O clima ás vezes é inhospito, a ambição imprudente. Quantas cruzes negras em cemiterios marcam logares de portuguezes, que d'aqui sahiram na doce illusão de que a aurora nascia do lado do occidente!

O telegrapho trouxe-nos a triste noticia da morte d'um rapaz estimadissimo em Lisboa, o mais applaudido talvez dos nossos toureiros, o cavalleiro Alfredo Tinoco.

Este nome traz-nos á lembrança tardes de sol e de enthusiasmo na velha praça do Campo de Sant'Anna, onde Tinoco se estreiou como neto n'uma toirada de curiosos em 14 de agosto de 1873.

Dois annos, depois dedicava-se completamente á vida de toureiro e poucos entre nós, não contando umas duas colhidas de gravidade, puderam como elle lisongear-se da boa escolha da profissão.

Alegre na praça, mais do que outro qualquer, em Lisboa, em Madrid, em Paris, nas principaes cidades do Brazil, o nome do Tinoco era popular. O valente cavalleiro recebeu sempre as mais delirantes ovações.

Era um optimo rapaz, alegre, para quem a vida corrêra sempre com poucos espinhos, attrahente, cheio de qualidades sympathicas.

O povo adorava-o, pelo seu denodo, pelas muitas anecdotas que d'elle se contavam, pela forma pittoresca porque se exprimia.

Toda a sciencia de cavalleiro na praça resumiu-a elle a Affonso XII n'estas poucas palavras: — «Pernas, alma e pr'á frente!»

A epoca tem corrido má para os toureiros; d'Hespanha nos teem vindo noticias de algumas mortes e de muitas colhidas de gravidade, como a de Reverte, ainda ha bem pouco tempo.

Entretanto continuam as corridas de toiros a ser o espectaculo predilecto na peninsula quasi toda. Os toiros é que parecem não estar muito da opinião dos homens e cada vez se vão tornando mais mansos. E' o caso ou nunca de dizer-se pela mansidão tudo se consegue. Até os toiros hão de dar cabo das toiradas.

O verão está a acabar e os toureiros d'aqui a pouco podem dormir um bello somno como marmotas ou morcegos. Em Lisboa poucos espectaculos mereceram honra de menção e os lavradores portuguezes mais uma vez, n'esse genero, trataram de fazer fiasco.

Historia velha.

Fecharam-se as portas das praças de toiros, fala-se na abertura dos theatros. D'aqui a um mez todos estarão funccionando com excepção do de S. Carlos.

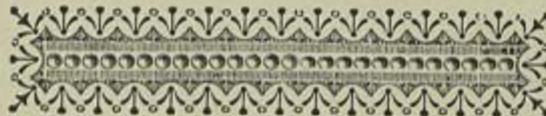
No theatro D. Amelia teremos duas actrizes novas na companhia, ambas já conhecidas em Lisboa, Amelia Pereira, que dará uma excellente ingenua, e Georgina, que tão applaudida foi, quando, com a companhia Taveira, representou no theatro da Avenida o *Fanfan* de Décourcelle.

Na Rua dos Condes ficará a companhia do Valle, juntando-se-lhe, segundo se diz, a Mercedes Blasco. Eduardo Scwalbach prepara para elles uma revista de estrondo.

No Gymnasio funccionará a mesma companhia do anno passado, tendo Joaquim d'Almeida desistido do seu logar no theatro de D. Maria.

Na Trindade a companhia do Taveira, que tem atravessado o verão com extraordinaria felicidade, continuará na serie dos triumphos. E' uma excellente companhia de opera comica.

E, se para o fim guardámos noticias do theatro de D. Maria, foi para fecharmos com chave d'oiro, annunciando para muito breve mais uma representação, ha tanto tão ardentemente desejada, da obra prima do theatro portuguez, *Fr. Luiz de Sousa.*

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL FERNANDO DE MAGALHÃES E MENEZES VILLAS BOAS

De illustre estirpe era o fallecido general Fernando de Magalhães e Menezes Villas Boas, filho do coronel José de Magalhães e Menezes, um valente e um heroe, que vendo a causa realista, por que combatia, perdida, se envolveu na bandeira do seu regimento, fazendo do peito baluarte onde a defenderia com a propria vida.

Não era menos valente seu filho, e d'isso deu provas, na primeira occasião que teve de mostrar o seu valor militar, quando, com as tropas fieis, suffocou e fez depôr as armas aos revoltosos de 31 de janeiro de 1891, no Porto.

Cumprio um dever como militar fiel á causa da monarchia.

Fernando de Magalhães e Menezes Villas Bôas, nasceu em Traz os Montes, a 13 de setembro de 1840 e alistou se no exercito em 19 de julho de 1862. Seguiu successivamente os postos até o de general de brigada a que foi promovido em 27 de junho de 1894.

Cursou a Universidade de Coimbra onde obteve o diploma de bacharel em mathematica, e o curso do Estado Maior.

Foi na qualidade de chefe do Estado Maior da 3.ª divisão, que soffucou a revolta de 31 de janeiro de 1891, no Porto.

Como recompensa d'este serviço á monarchia, o governo conferiu-lhe a commenda da Torre Espada.

Fernando de Magalhães foi nomeado em junho de 1894 governador da provincia de Cabo Verde e d'ali transferido pouco depois para o governo da provincia de Moçambique

O seu governo de Moçambique, durou pouco, inspirado, porem, sempre pela justiça e rectidão do seu caracter, mas os acontecimentos politicos de fins de 1894, de que resultou a celebre campanha d'Africa contra o grande potentado Gungunhana, determinaram a sua retirada para a Europa, onde chegou com a saude bastante abalada.

O general Fernando de Magalhães e Menezes Villas Boas, falleceu no dia 9 do corrente no seu solar da Faia, da freguezia de Freixo de Baixo, concelho de Amarante.

Com elle se finou um dos mais distinctos officiaes do exercito portuguez.

A FESTA DE NOSSA SENHORA DA GUIA, DO AVELLAR

Nos primeiros dias d'este mez celebrou-se no Avellar a festa annual de Nossa Senhora da Guia, uma das mais populares e concorridas da nossa provincia e que com maior pompa se realisa. São tres dias de festa, em que a Capella de Nossa Senhora é concorrida de romeiros que vem de muitas leguas distante, pagar os seus votos e festejar a Virgem.

Um dos maiores influentes da festa é o sr. Alfredo Manso, assim como o sr. Alfredo Dias que tem feito grandes donativos em que o não menos importante é o de concorrer para a fundação de um hospital, no Avellar. Se esta festa é das mais concorridas não é das menos curiosos pelas ceri-monias que se fazem.

O nosso querido amigo e collaborador artistico do Occidente sr. Alfredo Keil, brindou-nos com os bellos *croquis* que fez, no Avellar, d'esta romaria, quando ali assistiu a ella.

Toda a villa se enfeita de gallas e o povo da terra e os romeiros trajam as melhores vestes; as mulheres levam nas orelhas valiosas arecadas de ouro e sobre o colo grande profusão de cordões e joias riquissimas, algumas pela sua antiguidade. As offerendas e esmolas á Virgem sobem a mais de um conto de réis.

Com estes recursos faz-se festa rija; vem as melhores musicas e os melhores prégadores; pelas ruas arma-se fogo de vistas e por toda a parte estoiram bombas que fazem estremecer a casaria.

Duas procissões percorrem a villa, sendo uma no segundo dia da festa e outra no terceiro.

Nas procissões encorporam-se, além dos anjinhos com azas, e levando ao pescoço numerosos cordões de ouro e pregados no corpete em forma de coração muitas joias antigas, homens amortalhados, com corôas de papel na cabeça ou com lenços a susterem-lhe os queixos, mulheres de joelhos levando nos braços creanças, emfim, promessas extraordinarias, que o bom senso não devia permittir, mas que a crendice dos devotos impõe aos sacerdotes d'aquella egreja.

Grandes bandos vem das terras proximas, como de Coimbra e outras da Beira Baixa. As mulheres com seus pittorescos trajes entoam canções populares e tocam *adufes* acompanhando seus cantares caracteristicos.

E' no trajecto da primeira procissão que tem logar a seguinte cerimonia curiosa e bastante original, ainda que ella se realisa por outras terras proximas, onde a crendice popular e tambem um pouco de especulação a levou.

A procissão chega a um largosinho onde está construido um forno para o qual se sobe por larga escadaria. Ao lado do forno vê-se uma méda de matto d'onde todos os romeiros vão tirando um molhinho que mettem para o forno, alimentando assim o fogo que se ateia lá dentro.

N'aquelle largosinho, descança o andor e então um homem vestido com uma tunica branca, ajoelha ante a imagem da Virgem e tomando na bocca o palmito que a Senhora leva, sóbe a escadaria sobraçado com um grande bollo, de alguns alqueires, e entra lestamente no forno, que percorre em volta e presto sae inclume deixando o dito bollo no forno.

Esta operação é rapida e o homem, especie de salamandra, que a realisa é sempre um descendente de uma familia que de muitos annos vem praticando este acto, motivo de admiração d'aquelle povo, testemunha do famoso milagre.

Logo que o homem sae fecha se o forno com uma porta de ferro volante, e só no dia seguinte é que se retira o bollo, que deve estar cosido, o qual é repartido em bocadinhos pelos festeiros e devotos que concorrem com suas esmolas.

A capella de Nossa Senhora da Guia possue boa obra de talha dourada e bellos azulejos.

Junto á capella faz-se uma feira, e tudo é festa e alegria n'aquelle bom povo, que de tempos immemoriaes faz esta romaria.

Medalhão de prata Commemorativo

Impondo-se o Occidente o dever para com os seus numerosos leitores e assignantes de registar os acontecimentos mais notaveis da actualidade especialmente os occorridos em Portugal não podia agora, de forma alguma, esquecer-se da homenagem que acaba de se prestar ao actual titular das obras publicas sr. conselheiro Elvino de Brito.

N'esse intuito pois reproduzimos aqui o meda-

lhão que foi offerecido ao sr. ministro das obras publicas pelos seus conterraneos, filhos da India portugueza.

Com razão se ufanam os indios portuguezes do grande talento, raras aptidões administrativas do seu illustre conterraneo, que é o primeiro filho da India portugueza que subiu ao elevado e honroso logar de ministro da corôa; e, com razão elles pretenderam manifestar-lhe, de viva voz — os seus sentimentos de preito e admiração offertando-lhe a grande medalha de prata, commemorativa d'essa elevação, da qual ora apresentamos a gravura.

Este artistico trabalho, concebido e desenhado pelo sympathico e habil architecto sr. Luiz Caetano Pedro d'Avila, sendo a modelagem e cinzeladura feitas pelo sr. dr. Ventura da Camara, sob a direcção do professor sr. Simões d'Almeida, foi entregue pessoalmente ao illustre ministro por uma commissão composta dos srs. Christovão Pinto, deputado pela India, visconde de Barcellos Nascimento Costa, Bernardo Heitor Pereira Garcez, Joaquim José Fernandes Arez, Luiz Caetano Pedro d'Avila, José Maria da Costa Alvares, Mello Rodrigues, Fonseca Mendonça, Saturnino de Andrade, Julio de Mascarenhas, dr. Antonio Maria da Cunha, Mrgs. de Santa Brigida e Sousa e Gustavo do Canto.

O medalhão, que é riquissimo e primorosamente cinzelado, mede a circumferencia de dezoito centimetros e representa: no anverso o sr. ministro das obras publicas em busto fardado, tendo o peito constellado com as insignias e veneras honrosissimas que elle conquistou pelos seus merecimentos e distincções. No plano superior os dizeres: *Elvino J. de Sousa e Brito*, no plano inferior do busto como que em fraternal amplexo, algumas espigas de trigo e um ancinho, emblemas dos ramos de agricultura que tem occupado a melhor parte da sua vida e actividade. Á esquerda a fachada do projectado edificio do Instituto Commercial e Industrial de Lisboa, á direita um mouchão d'arvores e parte da grande ponte pensil Maria Pia.

No reverso traz o medalhão o anjo da Fama segurando com a dextra a sua tuba e com a mão esquerda apoiada sobre um escudete no qual se lê *Homenagem dos filhos da India Portugueza*. Ao fundo o esboço d'aquelles edificios hindus que pelo seu luxo d'ornatos architectonicos e vetustez parecem dispertar excellencias e primasias aos lendarios palacios encantados dos Ramayana e imperio dos Magoes.

O medalhão é resguardado n'um magnifico estojo de veludo e setim e foi apresentado ao sr. conselheiro Elvino de Brito pelo sr. Christovão Pinto, deputado pela India, proferindo o sr. visconde de Bucellas a allocução elogiosa em que se enaltecem os merecimentos do illustre estadista, não só como ministro titular das obras publicas commercio e industria, mas ainda como director geral que foi da agricultura portugueza. Respondeu o sr. Elvino de Brito, com a eloquencia que lhe é peculiar, agradecendo commovido a lembrança dos seus illustres compatriotas.

Que nos conste é esta a primeira vez que das nossas possessões da India vem á Europa uma deputação comprimentar e prestar homenagem a um ministro da corôa.

Em 1867-1868 distinguiu-se no parlamento não só pelos seus elevados dotes oratorios, mas pelo seu talento como escriptor economista, um cavalheiro indiano de nome Francisco Luiz Gomes.

Esteve esse illustre filho da India portugueza prestes a assumir a gerencia d'uma pasta qualquer no governo regenerador que então se organisou, mas infelizmente a consumpção ceifou quasi que subitamente a vida de tão prestante vulto politico vindo Francisco Luiz Gomes a fallecer no alto mar a bordo d'um navio que o levava para as terras onde nascera.

Antes e depois de Francisco Luiz Gomes muitos indianos tem illustrado a sua patria com os seus assignalados serviços e as manifestações dos seus talentos, mas de todos elles só o sr. Elvino de Brito é que chegou aos altos cargos que o constituem uma das glorias da India portugueza.

Silva Pereira.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado)

II

A PARTIDA DA EXPEDIÇÃO — O MONARCHA E A CÔRTE ASSISTEM A TODAS AS CERIMONIAS

O dia de domingo 8 de março de 1500 foi o fixado para a partida da frota de Alvares Cabral. Era ella assaz poderosa, como convinha aos intuitos que presidiram ao seu apresto. As embarcações iam, pois, bem apparelhadas. Era segundo commandante da frota Sancho de Tovar e capitaneavam os outros navios Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Vasco de Athayde, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, irmão do antecedente, Nuno Leitão, Luiz Pires e Simão de Pina. Gaspar de Lemos commandava o navio transporte.

A bordo iam tambem alguns religiosos de S. Francisco, um dos quaes tanto se distinguiu, que foi posteriormente bispo de Ceuta, frei Henrique.

D. Manoel, deslumbrado pelo brilhante resultado da primeira navegação á India, quiz que esta segunda armada fosse apta para affirmar n'essas longinquas regiões o prestigio do nome portuguez e assentar em bases solidas o nosso futuro commercio.

Na manhã d'aquelle dia celebrou-se missa de pontifical na capella do Rastelo, erecta pelo infante D. Henrique, votada a Nossa Senhora de Belem, e doada a alguns freires do convento de Thomar, que ali deviam administrar aos navegantes, especialmente em occasiões como esta, os sacramentos da Egreja.

Teve a ceremonia todo o brilhantismo, excedendo até a propria despedida de Vasco da Gama. Verdade seja que esta nova expedição deu a Portugal um imperio muito mais vasto e importante do que aquelle que lhe déra a primeira.

Assistiu D. Manoel ao serviço divino e, para honrar o chefe da frota, fel-o sentar junto de si debaixo do docel.

O bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz — que mais tarde o foi de Vizeu — proferiu um sermão, cujo thema principal foi o elogio de Alvares Cabral, por haver acceitado tão grande e pezado encargo. Ao concluir, tomou o estandarte de sobre o altar, onde o haviam collocado durante o santo sacrificio e, benzendo-o, entregou-o ao monarcha, que por suas mãos o deu a Pedro Alvares Cabral, pondo-lhe ao mesmo tempo na cabeça um barrete benzido pelo papa [1].

Desfraldou-se a bandeira e todos seguiram para a praia, em procissão, com cruzes alçadas e reliquias. O Tejo estava coalhado de pequenas embarcações, occupadas umas no transporte de gente de terra para bordo das náos e d'estas para a praia e outras ajuntando-se apenas para gosar a partida da expedição.

O espectaculo era bello e surprehendente. D'elle nos deixou suggestiva lembrança João de Barros, que parece ter assistido.

«Assim, escreve o auctor das *Decadas*, se viam todos com suas librés e bandeiras de côres diversas, que não parecia mar mas um campo de flôres, com a frol d'aquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espirito d'estas cousas, eram as trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas, pandeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, n'aquelle dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar n'esta e outras armadas que depois a seguiram, porque para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar.»

Acompanhou o soberano a Alvares Cabral até á beira do rio, e ahi abençoou e aos officiaes da frota, que em seguida lhe beijaram a mão, embarcando ao troar de uma salva real dada por todos os navios da armada [2].

Não poude, comtudo, sahir n'aquelle dia a expedição por se ter tornado o vento ponteiro, mas no dia seguinte fez-se de véla, abandonando o Tejo.

No tope das náos o pavilhão das Quinas acenava n'um ultimo adeus cheio de promessas gloriosas.

III

COMEÇA A NARRATIVA DA VIAGEM — FALA PEDRO VAZ DE CAMINHA

Em segunda feira nove de março do anno de 1500 largámos da praia do Rastelo, em Belem, e no sabbado seguinte, entre as oito e nove horas da manhã, nos achámos no mar das Canarias, um pouco mais perto da Grande Canaria, e ahi andámos todo aquelle dia em calma, á vista das referidas ilhas, na distancia de umas tres ou quatro legoas.

No domingo 22 do mesmo mez ás dez horas, pouco mais ou menos, démos com as ilhas de Cabo Verde, a começar pela de S. Nicolau, segundo me disse o piloto Pero Escobar.

Na noite seguinte, de segunda feira, perdeu-se da frota a náo de Vasco de Athayde sem que o tempo fosse forte ou contrario para justificar tal acontecimento. Cheio de cuidados mandou logo o capitão a um e outro lado fazer diligencias para havermos noticias, mas foram sem resultado porque a náo não appareceu mais. [1]

[1] *History of Brazil by Robert Southey.*

[2] Castanheda — L. I — c. 30 — Barros 1, 5, 2.

[1] Os historiadores dizem ter havido aqui um lapso de Vaz de Caminha, pois que fôra o navio de Luiz Pires e não o de Vasco de Athayde que se separou da armada, arribando muito desfeito a Lisboa.

A CAPELLA DA NOSSA SENHORA DA GUIA, DO AVELLAR

A SAHIDA DA PROCISSÃO

A VOLTA DA PROCISSÃO

OS ROMEIROS DEITANDO LENHA NO FORNO

A FESTA DE NOSSA SENHORA DA GUIA, DO AVELLAR

Croquis do sr Alfredo Keil

MEDALHÃO DE PRATA COMMEMORATIVO — Verso

Deixando a Deus o cuidado de vigiar pelo salvamento dos nossos irmãos, seguimos nosso caminho ao longo d'estes mares, em que já andavamos, quando em terça feira das oitavas da Paschoa, que era 21 de abril, encontrámos alguns signaes de terra. Estavamos então, segundo o calculo dos pilotos, a umas 660 ou 700 legoas distante da mencionada ilha de S. Nicolau. Consistiam esses signaes evidentes de proximidade de terra na muita quantidade d'ervas compridas que boiavam sobre as agoas, a que chamamos *botelho*, e tambem n'umas outras de nome *rabo d'asno*.

Na quarta feira seguinte pela manhã vimos umas aves a que chamam *fura-buchos* e n'este dia, ao cahir da tarde, divisámos terra. O que primeiro vimos foi um grande monte muito alto e redondo [1] e outras terras mais baixas ao sul d'elle, ás quaes se seguiam umas terras chãs cobertas de grande arvoredo. Ao alto poz o capitão o nome de *Monte Paschoal* e á terra a designação de *Terra de Santa Cruz*.

Entretanto mandou-se lançar o prumo e se acharam vinte e cinco braças. Ao sol posto deitámos ancoras ao mar que ficaram em dezenove braças n'uma ancoragem limpa. Ahi permanecemos toda aquella noite.

Na quinta feira pela manhã fizemo-nos de véla e seguimos com rumo direito á terra, levando os navios pequenos adiante, navegando com um fundo entre dezesete e nove braças até perto de meia legoa de terra, onde todos lançámos ferros ao direito da bocca de um rio.

Quando fundeámos n'este ancoradouro seriam pouco mais de dez horas. D'alli se avistaram alguns homens que andavam pela praia, obra de uns sete ou oito, ao nos disseram os mareantes dos navios pequenos, que tinham chegado primeiro.

Deitámos alli os bateis e esquifes á agoa, e logo vieram ter com o capitão-mór todos os capitães das náos e lhe falaram.

Nicolau Coelho foi mandado n'um batel a terra para explorar aquelle rio, e, logo que elle começou para lá a ir, acudiram á praia, primeiramente dois homens, depois tres e assim a seguir outros, de forma que quando se chegou á bocca do rio já alli estavam uns dezoito ou vinte.

Éram esses homens de côr parda, todos nús e sem nenhuma cousa que os cobrisse. Nas mãos traziam grandes arcos e flechas, dirigindo-se resolutamente para o batel.

Nicolau Coelho fez-lhes signal para que depozessem os arcos e elles promptamente assim o fizeram. Tratou-se de os interrogar, mas não foi possivel lograr entendimento que aproveitassemos. Oppunha-se a isso o grande ruido que o mar fazia quebrando-se na costa.

Nicolau Coelho apenas lhes deu um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um d'elles offereceu-lhe em troca um sombreiro de pennas d'ave compridas com uma capazinha pequena de pennas vermelhas e pardas como as dos papagaios, e outro lhe deu um ramal de continhas brancas miudas.

Parece-me que estas peças as mandou o

MEDALHÃO DE PRATA COMMEMORATIVO — Anverso

[1] *Monte Paschoal*. — É um dos montes mais altos da provincia da Bahia. É de forma conica, como o escrivão da frota o descreve. Deve considerar-se, pois, como sendo o primeiro ponto brazilico que Pedro Cabral descortinou ao longe. Ainda hoje conserva o nome de Paschoal, que o grande navegador lhe deu. O seu cume está a 16°,56' 8'' de latitude sul e a 41°, 45' de longitude O.

nosso capitão-mór a sua alteza, [1] junto com a carta que, como escrivão da frota, eu enviei com a nova do achamento d'esta terra nova.

Com as peças mencionadas se volveu Nicolau Coelho ás náos, não tendo dos homens de côr parda mais nenhuma fala, por já ser tarde e pelo mau estado do mar.

Na noite seguinte ventou tanto do sueste que fez caçar as náos, especialmente a capitana, e na sexta feira pela manhã, cerca das oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levantar ancoras e fazer véla. Fomos indo ao longo da costa, com os bateis e esquifes amarrados á pôpa, contra o norte para vêr se achavamos algum abrigo e bom ponto onde permanecessemos, para tomar agua e lenha, não porque nos escasseasse, mas para nos abastecermos bem e certificar-nos da terra.

Quando largámos já estavam na praia assentados junto ao rio uns sessenta ou setenta homens que se ajuntaram alli pouco a pouco. Fomos navegando ao longo da margem e o capitão mandou aos navios pequenos que fossem mais chegados á terra, e que, se achassem logar seguro para as náos, logo amainassem.

(Continúa.)

[1] Foi D. Manuel o monarcha que trocou por *alteza* o tratamento de *senhoria* até então usado pelos reis de Portugal.

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

(Concluido do numero antecedente)

Para ali, ás escuras, com o ladrão filado ao braço e a ameaçal-a, em tom de inequivoca sinceridade, de ser assassinada, Mrs. Harvey, como era natural, estava assustada devéras. A situação era tremenda quanto desusada. Felizmente, porém, na sua qualidade de mulher pequenina — com o coração ao pé da bôca — a ira supplantara n'ella o mêdo. A bronzea impudencia com que elle se propunha a assassinal-a, na sua propria casa d'ella, e isto especialmente por parte d'um proponente, a quem não assistiam sombras se quer de direito de se achar ali dentro, irritaram-n'a a ponto tal que o seu mais ardente desejo era levar avante o seu plano de pregar uma partida redonda ao seu proposto assassino. Fincando o dente, exclamou: Já lhe disse que n'este andar não está ninguem. Se prefere arrombar uma porta fechada á chave a abrir uma que o não está, cá por mim não se me dá. Estou porém convencida de que poupará tempo e trabalho vindo de roda ali pelo meu quarto.»

A compostura de Mrs. Harvey era muito mais apparente do que real. Sentia os nervos tensos que nem cordas de viola, e o coração aos pulos. Aguardou a resposta do ladrão com a respiração suspensa — e soltou um suspiro de allivio, quando o sentiu afrouxar a pressão do seu braço e dizer em tom de intima convicção: «Declaro-lhe que é a mulher de maior frieza que tenho encontrado em minha vida — creio até que éra capaz de gelar um refrigerador! — Vamos lá! «— e lá foram ambos até ao quarto da frente.

O gaz ardia a toda a força, tal qual o deixára Mrs. Harvey. Sobre o toucador lá estava o seu relojo e n'uma bandejinha varias pulseiras, aneis, broches, etc. O olho prático do ladrão viu n'um relance o fulgir dos mencionados objectos, e o sujeito avançou para elles. Mrs. Harvey, deteve-o com brandura.

— «Não lhe parece que será methodico ir buscar primeiro o cabaz da prata? perguntou. « — As minhas bujigangas põe-se depois ao decima, não acha?»

O ladrão contemplava-a com verdadeira admiração.

« — Ha bom senso n'isso que diz — adduziu, accrescentando: «Digo lhe que é o que se chama uma mulher admiravel. Eu a julgar que Mrs. Wibraham numero 3 — não, numero 4, — quero dizer — a de Chicago, — éra um modelo de sangue frio! Nem tem comparação comsigo! Estou em dizer que a senhora no verão suppria menos mal uma machina de gelo!»

Sem se dar por achada quanto ao cumprimento, supposto o apreciasse devidamente, Mrs. Harvey deixou-se elevar até ao quarto de vestir — onde um dos bicos de gáz da secretaria, na expectativa do regresso de Mrs. Harvey, estava accêso, porém muito reduzido. A secretaria estava entre as duas janellas, encostada á parede. Em cima de uma cadeira, em frente de uma das janellas, debaixo exactamente do bico de gáz, lá estava o cabaz da prata, encerrando os restos do Thomé. No vão da outra janella, encoberto pela cortina, existia a geringonça do signal telegraphico. A respiração de Mrs. Harvey sahia-lhe ás golfadas.

O ladrão abriu a torneira ao bico de gáz, e relanceou um olhar rapido por todo o aposento, a ver se o tinham atrahido a alguma ratoeira — Não viu porém signaes de ratoeira — e lá estáva o prometido cabaz da prata. Era um cesto grande — satisfatorio — com ares de pesár um pár de arrateis. Ancioso por lhe tomar o pêso, largou o braço de Mrs. Harvey e repesou o capaz, e o ligeiro tilintar, que veio ferir-lhe o ouvido, produziu-lhe impressão em extremo musical. Os dedos de Mrs. Harvey, a esse tempo, estavam já premendo o botão da caixa dos signaes, e o tilintar por pouco que a não deixou fóra de si e incapaz de realisar a tarefa que tinha entre mãos; e tão intimamente associado estava esse acto com as ternas recordações d'aquella figurinha cinzenta a trotar atraz d'ella, e a trotar para nunca mais! O sentimento de que estava tirando partido do Thomé como se fôra um gato espião occorreu-lhe n'este momento, e afigurou-se lhe um sacrilegio! Que indignidades, que blasfemias não presenciariam aquelles chorados restos, dado o caso de que o ladrão des tapásse o cabaz? Este pensamento veiu, felizmente, alental-a. Com mão firme fez o signal para o posto de policia.

Um sorriso de beatitude deslisou pelo rosto do ladrão, ao exclamar: «Vinte arrateis, mais onça menos onça! — Isto é o que se chama estar com sorte!»

Br-r-r-r-r-r-zz! — Um tropear de pés na alcatifa! — O bater de uma porta, immediatamente seguido pelo ranger de uma fechadura!

Taes phenomenos, comquanto successivos, occorrêram com rapidez tal que ao ladrão parecêram-lhe simultaneos.

Terminados que foram, encontrou-se este a sós com o cabaz da prata, e momentaneamente atordoado pelo chóque incidente a uma dolorósa quanto idealmente completa surpreza.

Passada a primeira impressão do chóque, menos movido pela razão do que pelo impulso, precipitou-se para a porta fechada e pregou lhe um valente encontrão. O ruido resultante de semelhante percussão era perigosamente estridulo. E elle, antes de repetir a investida, hesitou. Tão inesperada demonstração assustou a Mrs. Harvey — cujo arranjo mental do cáso fôra que o homem tentaria fugir, e seria filado pelo policia no corredôr do fundo; e de modo algum que se deixaria ficar, assassinando-a antes de apparecer o policia.

Sentiu-se pois impellida a aconselhal-o, e, entrementes elle hesitava se havia ou não de continuar o batuque contra a porta, interpellou-o em tom claro e audivel, atravez do buraco da fechadura:

«Afigura-se-me que o senhor não me entendeu completamente. Queira escutar um instante,» observou urbanamente.

«Fiz signal á policia. — Quando algum é chamado para caso urgente, costuma comparecer no espaço de quatro minutos. O policia, provavelmente, não excederá este lapso de tempo. Se deseja retirar-se antes de que elle chegue, não tem um momento a perder — tres minutos quando muito. — Isto não é mandal-o embora — já se vê — mas, realmente, acho que fará melhor retirando-se.»

Ainda Mrs. Harvey não tinha concluido a transmissão de tão util conselho e já o ladrão havia começado a pol-o em pratica. Ouvio-o dar volta á chave da porta e enfiar pelo corredor; ouviu-o descer d'escantilhão a escada, e ouviu-o tambem atirar com a porta que dava entrada para a cosinha. D'ali a instantes, tornava-se perceptivel o som de passos apressados no pavimento da frente, e, instantaneamente, um violento puxão na campainha.

Mrs. Harvey abriu uma janella e viu um policia em pé nos degraus. «Depressa» — bradou. — «Vae um ladrão a fugir pelo corredôr do lado de traz.»

O funccionario despediu como um raio, por detraz da esquina.

Mrs. Harvey permanecia ainda encostada ao parapeito, olhando na direcção em que se sumira o policia, eis se não quando, pára um *cab* ao portão e Mr. Harvey desce d'um salto. Não causou a este pouca surpreza o vêr a esposa, tão debruçada na janella, ás quatro horas da madrugada. — N'um abrir e fechar d olhos, foi-lhe explicada a situação — e elle lá vae dobrando a esquina qual outro raio, em auxilio do policia.

Mrs. Harvey, naturalmente, estava desejosa de observar quanto possivel lhe fosse o que se passava; e, na esperança de que alguma parte do theatro da acção seria visivel das janellas do guarda roupa de Mr. Harvey, deu outra vez volta á chave e introduziu-se no referido aposento. Não attingiu comtudo ás janellas do fundo.

A meio caminho, estacou e ficou-se, escancarando os olhos no auge da agonia. — perante a sensação do nada! — o cabaz da prata, com o Thomé e tudo, desapparecera! Com um fundo gemido, daspenhou-se em pêso no sobrado, debulhada em lagrimas.

Para ali esteve, chorando amargamente, até que, passados dez minutos, Mr. Harvey voltou com a noticia de que o ladrão conseguira safar-se são e a salvo.»

«N'esse caso, perdêmos para sempre o Thomé!» exclamou, em tom soturno, a anciada senhora.

Mr. Harvey insistia por explicações e ella, com voz entrecortada pelos soluços, narrou-lhe a historia do seu demasiado efficaz estratagêma, o qual havia surtido tão afflictivo resultado.

Oh! Oh! exclamava, na amargura da sua dôr, entrementes Mr. Harvey a estreitava d'encontro ao seio, tentando consolal-a.

«Não me digas que não tem duvida, e com o tempo hade passar! — *tem duvida* e *nunca* me hade passar! Era o melhor e o mais meigo de quantos gatos existiram, — e eu, coitadinho — fil-o andar em pó de gato — para nada — e, ainda em cima, nem sequer me é dada a consolação de o enterrar com decencia!»

E' facto digno de nóta que o ladrão não ficou mais satisfeito com o resultado do uso estrategico do Thomé, por parte de Mrs. Harvey, do que o ficára esta ultima. Quando, na seclusão do proprio domicilio, levantava a tampa ao cabaz, foi tal a indignação que sentiu que, durante alguns segundos, ficou incapaz de articular palavra. Quando o uso do seu apparelho vocal lhe foi afinal devolvido, as palavras que proferiu foram escassas mas vigorosas.

— Um... gato... morto! — disse pausadamente, com o mais amargo despreso. — E em seguida, em tom exclamatorio, proferiu sentença cuja profanidade horripilante não consente a transcripção em letra redonda.

Pin-Sél.

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

VIII

Elle ri com ella e diz-lhe:

— Não era d'uma mulher que eu precisava agora.

— Então de quê!

— D'uma irmã.

— Pois aqui tens uma, diz ella, levantando-se n'um pulo e approximando-se d'elle.

Depois, envergonhada sem duvida d'aquelle repente, deixa-se outra vez cahir, córando, no banco de relva.

— Pois queres? pergunta elle com os olhos a brilharem.

Ella faz um tregeito e diz promptamente:

— Pois isso é coisa que custe tanto? A mulher d'um irmão já quasi é uma irmã.

E, mirando-o dos pés á cabeça, com um sorriso, accrescenta.

— Parece-me que com um irmão como tu póde uma mulher apresentar-se em qualquer parte.

— Cinco pés e dez pollegadas, ex-uhlano da guarda... Se não basta!

— E por fim de contas tambem não deves ser um máo companheiro de brincadeiras.

— Tambem precisas d'alguem?

— Se preciso! disse ella com um suspiro. A vida aqui é tão tranquilla, tão semsabor! Não ha ninguem com quem eu corra, um atraz do outro, como lá fazia em casa com meus irmãos. Ás vezes dá-me na vontade agarrar n'um dos moços do moinho pela gola do casaco; mas a dignidade..! o respeito..!

— Pois bem cá estou eu agora, diz elle rindo.

— És toda a minha esperança.

— Anda, agarra-me pela gola do casaco.

— Estás todo enfarinhado.

— Olha que mulher de moleiro que tem medo da farinha! diz elle em tom de troça.

— Deixa estar, concluiu ella, hei de ver o geito que tens para a brincadeira.

IX

Emquanto na varanda, á hora do crepusculo, os tres descançam, o João que, com a cabeça mettida nas parras, sonha em silencio como o irmão, sente de repente qualquer coisa redonda, que não póde perceber o que seja, bater-lhe na testa e cahir no chão. «Devia de ser algum escaravelho» pensou; mas o ataque renovara-se uma segunda e ainda uma terceira vez.

Deita então um olhar desconfiado para a Gertrudes, estatua viva da innocencia que melancolicamente cantarola a cantiga: *No fresco valle;* entretanto vai enrolando ás escondidas as bolinhas de pão, que lhe servem de projecteis.

O João sustem uma gargalhada e, como quem não quer a coisa, vai puxando para si um ramo de videira, onde ficaram do anno anterior umas esgalhas seccas. Ella atira-lhe uma outra bomba; então elle, prompto na resposta, ferra-lhe com um bago nariz. Ella estremece, olha para elle um instante, corrida, e, como o João inclina o rosto para ella com a maior seriedade d'este mundo, desata uma gargalhada estrondosa e alegre

— Que mais temos? diz o Martinho, bruscamente arrancado á modorra.

— Sujeitou-se á experiencia, responde elle, atirando-se-lhe ao pescoço.

— Qual experiencia?

— Se digo, ralhas. Mais vale calar-me.

O Martinho interroga o irmão com o olhar.

— Nada, diz este, com um riso atrapalhado. Uma brincadeira. Era um bombardeamento.

— Pois bem, meninos, continuem, diz o Martinho, que outra vez se põe a fumar, muito calado.

O João está todo envergonhado e a Gertrudes mede o novo companheiro de brincadeiras com o seu olhito malicioso e provocador.

«Travêssa» era isso... assim chamára o Martinho Felshammer á mulher.

X

Desde esse dia, adeus, horas socegadas e silenciosos do crepusculo, de que tanto gostava o Martinho.

Nas alamedas quietas do jardim sôam agora trinados e risos; por sobre a relva vôam como uma tromba duas formas humanas correndo uma atraz da outra; são troças, são embirrações, são os cães á solta para ajudar ao barulho; são caçadas aos gatos da visinhança que fizeram do moinho sitio de amores; é o jogo das escondidas por detraz dos molhos de feno e dos vallados.

O Martinho não se rala; deita para aquella doidice o olhar benevolo e indulgente d'um pae. Lá no intimo preferia o socego dos dias passados; mas vê os tão felizes em sua mocidade e innocencia, d'olhos brilhante, de faces côr de purpura; era crime aguar-lhes a alegria com sermões impertinentes. De resto são crianças!

E depois ha outras horas menos bulhentas. Quando a Gertrudes diz: «O João, vem cantar» sentam-se os dois, com muito juizo, na varanda, um ao lado do outro, ou passeiam devagarinho á borda do rio; e logo que o Martinho accendeu o cachimbo e está disposto a ouvil-os, as vozes sôam claras e vibrantes na sombra da noite.

Estão chegando os instantes d'um encanto solemne. Os passaros que vão deitar-se chilreiam nos ramos, uma brisa leve sopra por entre os pampanos, e o surdo murmurio do açude faz de acompanhamento... Como se lhes mudou de repente o feitio! Começaram alegres e contentes; mas as cantigas que vão cantando são cada vez mais tristes, cada vez mais plangente o accento das vozes. Ha apenas instantes, quasi se encostavam uma á outra as cabeças; e agora estão serios e como sonhando, de mãos juntas, d'olhos fitos no céo côr de purpura. Afinam admiravelmente as duas vozes. O João tem uma voz de tenor, clara e malleavel, que vai bem com as notas cheias e graves do contralto de Gertrudes, e nunca o ouvido lhe falha, quando tem que acompanhar de improviso uma cantiga nova.

O que é exquisito e que nunca possam cantar quando estão sós. Se, quando cantam, o Martinho tem que afastar-se para onde o chame qualquer negocio, logo a voz lhes perde a segurança, olham um para o outro sorrindo, desviam o rosto para tornar a sorrir; algum d'elles, quasi sempre, deixa escapar qualquer nota desafinada e fica a cantiga por ali.

Se o Martinho está fóra de casa ou se se fecha no escriptorio, o que succede uma ou duas vezes por semana, ficam-se calados toda a inteira noite, como de commum acordo. Nenhum d'elles se atreveria a convidar o outro para cantar.

Em compensação, outros negocios teem, mais interessantes ainda, que sabem só tratar, quando não tenham a recear indiscripções d'um terceiro.

O João, emquanto esteve servindo, arranjou um lindo caderno de musica, onde colligiu o que melhor achou de cantigas alegres e sentimentaes. O genero sentimental sobreleva muito ao outro em numero. Desesperos de amor, cantos funebres, lamentações sobre infanticidios e innocentes condemnados á morte, alternam com as considerações poeticas sobre a vaidade da existencia; e, para coroar a festa, a explosão de desespero de Kotzebue, esse alastramento de sentimentalidade que foi durante meio seculo a mais popular de todas as poesias allemãs.

A collecção diz perfeitamente com o gosto poetico da Gertrudes. Logo que se vê só com o João murmura-lhe o pedido:

— Vai buscar as cantigas.

Então aconchegam-se n'um canto retirado, approximam os rostos: Gertrudes quer seguir com os olhos a leitura; sentem, emquanto lêem, a delicia d'um calafrio voluptuoso correr lhes o corpo.

Eis, a abrir, a extranha poesia: *O Conde Osinski a sua amada.*

«Como adeus, aqui tens os queixumes do meu coração
Mudados em doce harmonia
Mas não queiras nunca adivinhar o que querem dizer taes accentos.»

Ou então esta velha rimance popular:

«Henrique descança junto da nova esposa,
Rica herdeira das margens do Rheno...
Sôa meia noite e atravez a cortina passa
De repente uma branca mão delicada.
E quem vê elle? A sua Wilhelmina
De pé em frente d'elle, envolta na mortalha.»

N'esta passagem, a Gertrudes estremece e com uma angustia nos olhos muito abertos, fita-os para a frente atravez a sombra do crepusculo; mas trahe seu sorriso, ao mesmo tempo, um extasis delicioso.

Mas o que é maravilhoso na collecção é uma obra chamada *A linda moleira.*

— Onde a achaste? pergunta a Gertrudes, interessada pelo titulo.

— Um dos meus camaradas, que era musico, tinha todas estas cantigas n'um grande caderno de musicas Foi d'ahi que as copiei. O que as fez chamava-se creio eu Muller [1] e effectivamente era moleiro.

— Lê, lê depressa, diz a Gertrudes.

Mas o João não quer.

— E' muito triste, diz fechando de repente o livro. Outro dia.

E por ali ficam. Mas tanto Gertrudes o atormenta com pedidos, e se põe zangada, que elle vê-se obrigado a ceder a tamanho desejo.

— Vem hoje ter comigo ao açude; tenho que ir levantar a comporta. Ninguem nos irá incommodar e eu leio te... já se vê, se...

Pisca o olho para o lado do «escriptorio». Gertrudes diz que sim com a cabeça. Entendem-se perfeitamente.

XI

Depois de jantar, o Martinho vai para o seu reducto seguido pelos olhares impacientes de Gertrudes, que anceia pelo momento em que lhe vão ser desvendados os segredos da «Linda Moleira.»

De braço dado atravessam o campo que vai dar ao açude. A erva está humida do orvalho. O céo é cheio de estrias vermelhas. Sobre o incendio do fundo destaca-se, recortado finamente, o vulto negro do pinhal, que triste e silencioso emmoldura a planicie. A medida que vão andando, vai-lhes chegando, cada vez mais distincto, aos ouvidos o mugido das aguas. Os raios do sol no poente reflectem-s no turbilhão das ondas e são como faiscas as gotas d'agua que resaltam. Do outro lado do açude, o rio em socego parece um espelho; os amieiros fazem-lhe uma sombra negra e reflectem a imagem nas aguas por demais profundas para que sejam transparentes.

Ambos calados approximam-se do açude. Uma ponte estreita com um alçapão ao meio corre ao longo do travez superior. E d'ali que o moleiro levanta ou abaixa as comportas do açude que em numero de seis descançam umas ao lado das outras, ligadas a valentes estacas de apoio, os «batoques.»

N'aquelle tempo, durante os calores de junho, o açude dá pouco trabalho; mas nos primeiros dias de primavera e no outomno, no tempo do descoalhar do gêlo e das grandes chuvas, quando é preciso levantar todas as comportas e até os batoques, para deixar passar a levada e os blocos de gêlo sem que encontrem obstaculos, toda a attenção é pouca e pouco todo o dispendio de forças para não se deixar ir um homem arrastado com as madeiras no remoinho das aguas.

O João levanta duas comportas. Por agora é quanto basta. Depois larga a alavanca e encosta o cotovello ao corrimão do alçapão. Gertrudes que, durante esse tempo, olhou para o trabalho sem dar palavra, atira-se para cima da grande viga que atravessa a corrente d'uma margem á outra á altura do corrimão do alçapão e á distancia d'algumas pollegadas.

— Não vas ter alguma vertigem, Gertrudes, diz o João deitando um olhar inquieto para o declive do açude, onde, sobre o fundo de tabuas inclinado, as aguas correm com pasmosa rapidez, indo precipitar-se espumando no abismo.

Gertrudes solta uma gargalhada e diz que muita vez ali esteve, horas inteiras, sentada n'aquelle mesmo logar, a olhar para baixo, sem receio de vertigens. E depois, se fosse preciso, não estava elle ali? O olhar, em que se lê uma impaciente curiosidade, está fito na algibeira do João e, quando este puxa pelo caderno de musica, solta ella um suspiro, encantada só com a idéa dos esplendores que presente e junta as mãos como uma pequenina a quem a avó vai contar uma historia. O João principia.

Correm-lhe de bocca como um cantico as palavras do poeta.

«O moleiro adora as viagens...»

A Gertrudes deixa ouvir uma exclamação de alegria e vae com o pé marcando o rythmo nos montantes do açude.

«Ouvi murmurar um ribeiro...»

A Gertrudes nem se atreve a respirar á espera do que segue.

«Vi brilhar o tecto d'um moinho...»

Em sua alegria a Gertrudes dá palmas e aponta para longe, mostrando do outro lado, o casal.

«Tal queres dizer com teu murmurio, amigo?...»

Entra aqui em scena a linda moleira e a Gertrudes põe-se muito séria.

«Porque não tenho mil braços para bater!»

A Gertrudes faz uns signaesinhos de impaciencia.

«Não interrogo as flores nem os astros...»

Esvoaça pelos labios da Gertrudes um sorriso satisfeito.

«Gostava de graval-o na casca das arvores...»

A Gertrudes solta um fundo suspiro e fecha os olhos. Segue a leitura com os sonhos do moço companheiro do moleiro doido d'amor, até este grito de alegria que domina o murmurio do rio, a barulhada das rodas, o cantar das aves:

[1] Moleiro.

«A moleira bem-amada é minha!»

A Gertrudes afasta do corpo os braços e um sorriso de felicidade serena alegra-lhe o rosto. Meneia a cabeça como se dissésse: «Meu Deus! Pois que póde ainda succeder?»

Então a moleira de repente apaixona-se misteriosamente pela côr verde; retine a trompa de caça no bosque; apparece o altivo caçador. A Gertrudes é toda inquietação.

— Que vem esse cá fazer? resmunga, batendo com o punho sobre a trave.

Depressa o ha de saber o pobre moço de moleiro.

«Queria partir, perder-me na immensidade do mundo,
Se tudo não fôra tão verde, bosques e campos...»

diz a triste canção.

A Gertrudes duvidando entre o temor e a esperança, faz no ar um gesto com a mão. É lá possivel! Tudo deve acabar em bem.

E depois:

«Florinhas que ella me deu
Quero que todas deitem comigo na minha tumba.»

Marejam as lagrimas os olhos da Gertrudes, mas espera que o caçador parta e que se converta a moleira. Não póde, não deve deixar de ser assim. Começa o dialogo melancolico do moleiro com o rio; quer o rio consolal-o, mas o moleiro não quer senão uma só paz, um só descanço.

«Ai, riosinho, bem sei que bem me queres,
Mas, ai, riosinho, tu não conheces o mal do amor.»

A Gertrudes approva com um gesto vivo de cabeça. Que quer dizer aquelle rio estupido?... Que sabe elle do amor e de tormentos?... Chega depois a canção, que as ondas cantam, de acalentar. O moleiro adormeceria á beira do rio? Ha de um beijo acordal-o e, quando abrir os olhos, chegar-se-ha a elle a moleira dizendo-lhe: — «Perdoa-me; é de ti que eu gosto!» Mas não: que querem dizer essas palavras extranhas *salinha de crystal azul?* Porque ha de elle dormir até que o mar haja bebido a ultima gota dos rios? E se, para cobrir-lhe os olhos, essa raparigа perversa tem que deitar o lenço ao rio, é por que esse que dorme não descança á beira, mas sim no fundo.

A Gertrudes esconde o rosto nas mãos e desata a chorar convulsamente; e, como, apesar d'isso, o João quer terminar a leitura, ella grita-lhe:

— Basta! Basta!

— Que tens, Gertrudes?

Ella faz-lhe um signal para que a deixe. Caem-lhe pelas faces mais abundantes as lagrimas; treme-lhe o corpo todo; procura um ponto de apoio e inclina-se para traz.

O João solta um grito angustioso e, n'um pulo, precipita-se para amparal-a nos braços.

— Pelo amor de Deus, Gertrudes! diz, com voz offegante, respirando com esforço.

Banha-lhe a testa um suor frio... Ella inclina a cabeça sobre o peito d'elle, deita lhe os braços ao pescoço e chora todas as lagrimas de seu coração.

No dia seguinte diz-lhe a Gertrudes:

— Portei-me hontem como uma creança, João. Por um triz que não caio no abysmo.

— Já tinhas perdido o equilibrio.

Só de relembrar aquelle horrivel instante corre-lhe o corpo um calafrio.

Passa um sorriso sentimental pelo rosto da Gertrudes.

— Acabava tudo d'uma vez, diz ella com um fundo suspiro.

Mas um instante depois, é ella quem ri da propria loucura.

(Continúa).

NECROLOGIA

MANUEL MARIA RODRIGUES

Publicando hoje o retrato do fallecido escriptor, Manuel Maria Rodrigues, prestamos a derradeira homenagem a um dos mais assiduos e antigos collaboradores do OCCIDENTE, que n'este periodico tantas vezes em bellos artigos provou suas altas qualidades de escriptor.

MANOEL MARIA RODRIGUES

FALLECIDO EM 16 DE AGOSTO DE 1899

Victimado por uma apoplexia fulminante, Manuel Maria Rodrigues falleceu em 16 de agosto, na cidade do Porto.

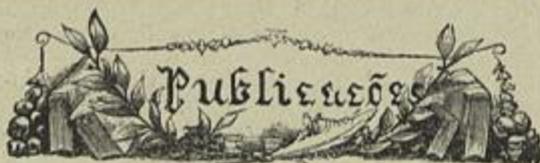
Deixa alguns romances originaes: *As infelizes, O que faz a ambição, A Rosa do Adro*, que teve duas edições. *Os Filhos do Negociante* e *Estudantes* e *Costureiras*. Escreveu para o theatro *O Schah em Pancas* e *O Diabrete*. É d'elle a traducção do romance de E. Zola, *L'Oeuvre*. Publicou o opusculo *O explicador tauromachico*.

Apaixonado pela archeologia, publicou sobre este assumpto muitos apreciaveis artigos no *Commercio do Porto*, OCCIDENTE, etc.

Foi um dos fundadores da Associação dos Jornalistas.

Quantos o conheceram falam com respeito do seu caracter honestissimo e da franqueza jovial com que captava as sympathias de todos.

A sua familia enviamos nossos sentidos pezames.

A bella photographia, que hoje reproduzimos, devemol-a á extrema amabilidade do illustre jornalista portuense, sr Bento Carqueja, a quem mais uma vez, penhorados, agradecemos a delicadeza, que nos permitte offerecer hoje aos nossos assignantes o retrato d'um velho collaborador, que tão querido foi de nós todos.

Recebemos e agradecemos:

Governo Geral do Estado da India

Já aqui e por mais de uma vez temos dado conta da publicação de varios relatorios, que, respeitantes aos serviços publicos no estado da India, temos recebido, emanados do Governo Geral d'aquelle estado.

É sempre com satisfação que examinamos taes documentos, porque elles conteem dados dignos de ponderação e estudo, que muito convem conhecer para justa comprehensão dos assumptos ultramarinos, em geral mal apreciados por falta elementos seguros.

Por isso nos congratulámos sinceramente com a publicação dos primeiros relatorios e agora felicitamos o illustre governador da India, por haver continuado no seu intento de dar pleno conhecimento da administração d'aquelle estado, exigindo esses documentos, publicando-os e enviando alguns exemplares para a metropole, onde tanto se carece de elucidação perfeita e clara nos negocios coloniaes.

E quando á satisfação de compulsar esses documentos se ajuntar a de vêr assignaladas com proficuidade providencias e resoluções officiaes, que tão imperiosamente reclamam certos serviços na India, o nosso contentamento será muito maior.

Não bastam a exigencia dos relatorios aos individuos que teem a seu cargo a direcção de determinados serviços e a sua publicação. É preciso estudar esses documentos e obviar ás lacunas que se apontam, aos defeitos que se notam, e satisfazer as necessidades que se mostram.

Comtudo, já muito para louvar é a sua publicação, porque cedo ou tarde se poderá fazer justiça a quem a merecer, e porque triste seria que trabalhos tão interessantes a mais de um respeito dormissem o somno eterno no olvido das secretarias de estado.

Tambem suppomos que do illustre governador se não farão esperar todas as providencias que estiverem na sua alçada para a melhor administração do estado da India, e que estes relatorios constituem elementos de sua habilitação no estudo das necessidades da colonia que tem a seu cargo.

D'esses relatorios temos presentes os seguintes:

Relatorio sobre os serviços das Alfandegas, relativo aos annos de 1893-94, 1894-95 e 1895-96, e redigido pelo commissario geral sr. João Raphael de Sousa Monteiro.

Relatorio sobre os serviços do governo do districto de Damão, relativo ao anno economico de 1896-97, elaborado pelo governador sr. coronel José Pedro Kuchembuck Villar.

Relatorio sobre os serviços das obras publicas, relativo ao anno de 1896-97, redigido pelo engenheiro director, coronel José Frederico d'Assa Castel-Branco.

Relatorio dos serviços da Fiscalisação do caminho de ferro de Mormugão, relativo ao anno de 1897 e apresentado pelo engenheiro director sr. Adriano Abilio de Sá.

Relatorio sobre os serviços da guarda fiscal, relativo ao anno de 1897, elaborado pelo commandante interino sr. major José da Costa Pereira.

Relatorio sobre os serviços da Imprensa Nacional do Estado da India, referido ao anno de 1898, escripto pelo director da mesma imprensa, sr. José Frederico Ferreira Martins.

Todos estes documentos são interessantissimos, repetimos, e cada um, na especialidade dos serviços de que se occupa, fornece preciosas indicações que a todos convem conhecer.

Ao commercio nacional, especialmente ao da metropole, ás industrias portuguezas, ao funccionalismo, e ás outras forças vivas, emfim, do paiz, convem e importa altamente conhecer o texto de taes relatorios, porque todos lucrarão com a sua leitura.

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria — Volume 46.º — N.os 7 bis e 8 — Julho e Agosto de 1899 — Coimbra — Imprensa da Universidade.*

Além dos artigos continuados de outros numeros e a que já nos temos referido, taes como: *A revolução de 1820 e o congresso de Verona, Notas de um pae, Topographia cranio-cerebral, Cranios portuguezes, Memorias de Castilho*, etc., veem n'estes numeros os seguintes:

Principios Novos da sciencia criminal por Antonio Lino Netto, *Charles Friedel* por A. J. Ferreira da Silva, *Origens de Villa Real* por João A. Ayres de Azevedo, *Subsidios para um diccionario completo* por A. A. Carterão, *Escola Industrial Marquez de Pombal* por Carlos Adolpho Marques Leitão, etc.

Por tal elenco se avalia bem do interesse e selecção de assumptos que a conceituada revista conimbricense apresenta aos seus leitores.